

Frank Tannenbaum e Gilberto Freyre na Universidade de Colúmbia

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Problemas Brasileiros de Antropologia
Continente e Ilha

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA CONTINENTE E ILHA

Roberto Alvim Corrêa

[1] Artigo publicado em *A Manhã* (Rio de Janeiro) de 9 de julho de 1943, sob o título "Gilberto Freyre – 1943". O autor nasceu na Bélgica, em 1899 e diplomou-se em Letras pela Universidade de Genebra. Foi durante muitos anos editor em Paris (Éditions Corrêa). Regressando ao Brasil, tornou-se catedrático de língua e literatura francesa da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, com uma tese sobre *François Mauriac, éssayiste chrétien*. Exerceu com brilhantismo a crítica literária semanal e a de artes plásticas. Publicou dois livros de crítica literária – *Anteu e a crítica* (1948) e *O mito de Prometeu* (1951) – e um *Diario 1950-1960* (1960). Em *O mito de Prometeu*, este artigo foi reestruturado e fundido com outro sobre *Ingleses no Brasil* (p. 149-159)

Se estas notas vêm datadas, como outras que já pude dar anteriormente sobre Gilberto Freyre, é que sei a que ponto quanto o que se escreve a seu respeito permanece relativo, dependente de sua atividade que talvez o leve para caminhos diferentes dos que pensamos, bem como de sua personalidade, dificilmente passível de definições que dela se tentasse dar, acrescentando-se igualmente a este gesto de prudente medida, a consciência do atraso em que estamos relativamente à concepção de uma obra ante a qual nossa atitude, que devia ser crítica, permanece planetária, se nos lembrarmos do tempo que leva para chegar até nós a luz inicial (alguns escritos ora publicados datam de 1937) dessa mesma obra que, além disso, apesar de sua importância historicamente já decisiva, vem sendo composta de um modo que determina sempre mais o centro de gravidade desse inconfundível edifício, porém ainda não aquilo que ele talvez venha a ser um dia, se o autor o acabe, admitindo-se seja desejável. Pois nem a ciência nem a arte acabam nunca. Criam; o que é muito diferente, como há de verificá-lo quem ler os PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA (1) e CONTINENTE E ILHA (2). Trabalhos, aliás, – note-se de passagem – cuja publicação obedece, como outros da Casa do Estudante, a diretrizes que merecem consideração pelo que representam de culturalmente brasileiro na escolha de nomes e assuntos que provam a discriminação estabelecida para beneficiar valores significativos da vitalidade intelectual de jovens que se movem no prolongamento de

1 FREYRE, G. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943.

2 ———. *Continente e ilha*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943.

exemplos em que uma figura como Gilberto Freyre tem um papel particularmente representativo. E isto por vários motivos. Gilberto Freyre é um mestre e, como todo mestre verdadeiro, não é mestre como outros; não impõe qualquer método ou maneira de ver que seja, e ainda menos soluções. As ciências exatas podem concluir, mas a sociologia, com as inúmeras ciências anexas que supõe, e sobretudo como a concebe um homem como Gilberto Freyre, que faz da sociologia (sem que perca nada de seu valor experimental ou científico, muito pelo contrário) uma arte que sublinha o lado total e libertador da ciência, assim como as suas possibilidades metafísicas, as quais situam o homem como ente cuja realidade não se limita ao que o determina especialmente, — a sociologia, nessas condições, não pode considerar como nulo tudo quanto se afastar de resultados que, por mais definitivos que sejam, não são os únicos. A sociologia pouco valeria se não começasse por encarar sob todos os aspectos possíveis os problemas submetidos a seus estudos. Por isso mesmo é a mais indiscreta das ciências, a mais múltipla, e é também arte. Começa com a ecologia ou talvez ainda outra ciência. Pois como saber o que origina certa ordem de estudos quando, apesar de tantas terminologias que assediam hoje o conhecimento humano, nem todas as ciências têm nome, ao passo que outras, que já foram denominadas, conservam algo de indeciso? Assim a própria matéria desses riquíssimos PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA estendem-se num domínio vasto como o mundo. E como o diz perfeitamente o autor: "No estudo da antropologia estamos sempre nos defrontando com três elementos: raça, língua, cultura".

Pelo menos. A etimologia é perigosa: "anthropos", homem, e "logos", discurso. Podem reivindicá-la como ciência igualmente fisiologistas e filósofos. Na minha mocidade ensinavam-se que já Plantner, na Alemanha, tinha publicado na segunda parte do século XVIII um livro com o título "Antropologia", que era em grande parte um livro de psicologia, enquanto outro, como Burdach, se referia a um conjunto de conhecimentos anatômicos, sem falar em algumas outras obras, raramente consultadas, mas o bastante para complicar em mim ainda mais uma confusa concepção dessa ciência, se bem que o faça, talvez, — não como o sr. Jourdain fazia prosa, mas como nós todos que escrevemos para melhor nos conhecer a nós mesmos, — antropologia sem o saber. Como o deixa entender Gilberto Freyre, a trajetória dessa ciência é imensa: "Sendo estudo científico dos homens, principalmente a antropologia social — é também estudo científico dos homens". Quer dizer que inclui o estudo do homem considerado ora individualmente, ora especificamente. É muito — uma espécie de "Comédia Humana" das ciências, uma síntese. Mas é o que consegue fazer, como grande sábio que é — e também como grande artista — o autor de "Casa-Grande & Senzala". Nele a ciência não prejudica a arte, nem a arte a ciência. Encontram-se como em todo grande criador. Assim, um homem como Michelet, que permanece o maior historiador do século XIX, é um dos maiores prosadores que a França já teve e até a seu respeito se fala em poeta. As origens da ciência e das artes são idênticas e a distinção, — necessária — estabelecida entre elas nos tempos modernos não implica o rompimento das relações. Vêm elas se estreitando novamente e já avaliamos o que a ciência deve a romancistas como

Dostoievski, Proust ou James Joyce a poetas como Blake ou Rimbaud ou a artistas, suprarrealistas, nos quais o homem revela mais do que na ciência o que nele impera autoritariamente — e vice-versa, o que a arte deve aos raios-X, à cinematografia ou à radiofonia, para só falar em ciências recentes. E como o observava Gilberto Freyre há poucos dias no seu artigo semanal de A MANHÃ, temos em *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, e num livro que andaria mesmo ignorado — pelo menos de seu criado — sem as judiciosas reflexões do ilustre nordestino, que sabe tudo, o *Cacaulista* de Inglês de Souza, precursores da reabilitação, por assim dizer científica, da gente de cor, que tanto deve a brancos como Gilberto Freyre, Artur Ramos e vários outros.

E, na realidade, é a fusão do espírito científico com o artístico (e com o metafísico e o religioso como em Pascal) que garante a verdade e transmissibilidade de certas obras, demonstrada mais uma vez, de um modo original e profundo, com os "Problemas Brasileiros de Antropologia", e à qual o autor acrescenta observações muito típicas dos sinuosos parênteses gilbertianos em que se revela o homem, tanto o sábio como o artista, o observador como o intuitivo, aquele que consigna como o escritor: "James Stephens chega a dizer que mais que os ensaístas, poetas, romancistas bem ajustados às categorias oficiais de gêneros literários, os indefinidos é que iluminam no passado ou no caráter de um povo os traços mais significativos. É que — interpretemos Stephens — os leitores desses indivíduos em quem o personalismo como que completa a objetividade em vez de destruí-la, estão sempre em contacto tão íntimo com os autores, a ponto de participar da vida por eles vivida. Vivida individualmente ou por uma espécie de memória aparentemente biológica ou de raça, mas na verdade empática e de família, que os torna, mais ou menos ao jeito de Proust, homens à procura do tempo perdido. Esse poder de extensão do indivíduo por meio da capacidade de empatia tanto produz um Razanov, um Proust, um Borrow, como um desses raros antropologistas, sociólogos ou historiadores — Margaret Mead, por exemplo, ou Curt Nimuendajú — que conseguem se identificar com a vida ou o passado de uma tribo, de um povo, de uma instituição, a ponto de viverem essa vida ou esse passado mais intensamente do que o nativo ou as gerações que de fato constituiram a época recapitulada pelo historiador ou pelo antropologista, neste caso também poeta".

A dívida, aliás, da literatura para com um sociólogo como o nosso é pelo menos dupla. Os problemas que ele levanta são muitas vezes nossos, intimamente ligados aos que têm de encarar — para acondicioná-los e contorná-los antes de procurar-lhes as casualidades determinantes (admitindo-se que o fato seja possível — e que o seja relativamente já é muito) — o historiador da literatura como o verificamos num capítulo dos PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA, intitulado *Problemas de relações da personalidade com o meio* em que se vê quão complexos são os fatores que engendram dificuldades relativamente à adaptação de certa família humana ao meio, e particularmente de escritores e artistas, sem que se possa afirmar ser o fato prejudicial, pela razão de que grande parte da obra criadora nasce de uma reação ao meio, de uma falta

de adaptação, de um não-conformismo por assim dizer intrínseco, indiscutivelmente fecundo, mesmo sociologicamente falando por ser instrutivo de defesas correspondentes a permanências talvez hereditárias, que seguem obscuramente orientações vitais, fortes como um instinto e que vêm de repente desabrochar numa obra de arte, inesperada, mas imortalmente como, por exemplo, numa mazurca de Chopin em que consonâncias e ritmos aparentemente folclóricos vêm precisar aspirações com as quais o povo polonês, e não só ele mas nós todos vamos espontaneamente nos identificar. E é esse fato que encontramos desenvolvido sob outro aspecto num brilhante estudo como *Continente e Ilha*, obra-prima de virtuosidade e quase se diria de variações sobre um tema que um ensaísta como Viana Moog defendeu, segundo um critério que já encontramos em Thibaudet e mesmo latentemente em Michelet, precursor da geografia humana e literária — o que não diminui a originalidade da contribuição de ninguém — tema, digo, que Viana Moog defendeu com habilidade e inteligência, mas que não foge inteiramente às reservas que toda tentativa de classificação literária sugere. (3) Voltarei proximamente ao assunto, querendo apenas salientar, hoje, depois de Gilberto Freyre, que o elemento "continente" é unificador, enquanto o "ilhéu" representa a defesa do que tem o direito e deve viver no indivíduo, no grupo ou numa área ecologicamente expressiva de certas tendências históricas. No que chamamos "personalidade", — individual ou nacional — é que se encontram conjuntamente esses dois elementos, como se encontram nas grandes obras, nas grandes figuras, e particularmente em Gilberto Freyre, talvez o mais complexo, com Mário de Andrade, desses homens que, sabendo interpretá-lo em profundidade e recompor-lhe os elementos esparsos, mais contribuíram para dar ao Brasil intelectual uma nova feição, que retém em vários planos a atenção — nem sempre confessada — de muitos que já não se reconhecem nele exatamente como esperavam. A vida é sinônima, em todas as suas expressões, de surpresa. E' o que nos ensina a obra eminentemente leal, erudita e criadora de Gilberto Freyre, para quem não há detalhe, inflexão ou nuances refletidas num olhar brasileiro que não adquira uma significação, que não evoque uma realidade digna de ser registrada. E, de fato, a múltipla vitalidade brasileira é hoje estonteante em todos os setores. Não se quer dizer com isso que seja dispensada de registrar nas suas expansões tudo quanto a liga a um passado ou a um presente de importação culturalmente fundamental, mas, pelo contrário, que assinala, à parte do que lhe é próprio, o que recebe, como um rio, tal o Amazonas, como as frases de Gilberto Freyre, serpentinas e vivas, que captam tudo, mergulham em águas profundas e, como redes flexíveis e sólidas, trazem à tona um mundo de coisas que hão de viver em nós graças à onipresença desse mesmo Gilberto Freyre, que encontramos em todas as manifestações da vida intelectual do país — e que introduziu no clima da inteligência brasileira a agudez do olhar do nosso indígena.

3 VIANNA MOOG. *Uma interpretação de literatura brasileira.* Casa do Estudante do Brasil.